



Comunicação, Educação e Consumo: pedagogia dos meios e do afeto com crianças e adolescentes da Vila Brasilândia, São Paulo

Regina de Lima Pires¹

Mestranda do PPGCOM-ESPM

Resumo

Este artigo apresenta a síntese de uma pesquisa qualitativa que está sendo realizada no campo da Comunicação, da Educação, do Consumo e de como a pedagogia dos meios e do afeto com crianças e adolescentes de um bairro periférico da cidade de São Paulo, pode nos trazer reflexões e alternativas de desenvolvimento de linguagem e de cidadania para um grupo de educandos vivendo em situação precária e de privação de consumo. Algumas das interrogações que movem esta pesquisa são: encontrar caminhos para esclarecer como a comunicação/educação ou educomunicação apresenta-se na forma de um campo teórico-metodológico capaz de atender os educandos a encontrarem caminhos alternativos de desenvolvimento da linguagem e da cidadania? Os dados estão sendo coletados com o uso de metodologias dialógicas e participativas. Os resultados, até o momento, demonstram que os educandos detêm uma visão crítica sobre a realidade em que vivem, mas encontram dificuldades de comunicá-la.

Palavras-chave: comunicação; educação; consumo; pedagogia dos meios; afeto;

Introdução

“É na comunicação que os homens assumem suas palavras fazendo implodir, ao mesmo tempo, o círculo da totalidade e o da consciência solipsista. Dialogar é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo. A palavra não é um mundo à parte, mas faz parte da práxis do homem: “a justiça é o direito à palavra”, pois é a possibilidade de ser sujeito em um mundo onde a linguagem constitui o mais expressivo lugar do “nós””. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 33)

Pensar a comunicação a partir do diálogo, da palavra, da linguagem, da expressão e a educação como a ponte para a constituição da práxis do homem é o

¹ Regina de Lima Pires é mestranda do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Sua pesquisa é sobre Comunicação, Educação e Consumo com sujeitos em situação de pobreza. Jornalista atua há 20 anos no mercado na área de assessoria de imprensa.



ponto de partida da pesquisa que originou este artigo e, que inclui o consumo como vertente primordial da sociedade contemporânea: a sociedade do consumo. A família e a escola constituem os agentes de socialização tradicional, que disputam a hegemonia na formação dos valores dos sujeitos com a comunicação e seus meios, como sempre enfatiza a professora Baccega (BACCEGA, 2010, p. 37). “Esse processo comunicação/educação merece o lugar de segmento prioritário das teorizações e das pesquisas do campo da comunicação, pois permite que se leve em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura” (KAPLÚN, 2011, p. 32).

A pesquisa toma como objeto as relações entre comunicação, educação e consumo com base nos usos da Educomunicação no desenvolvimento de metodologias criativas na produção cultural com crianças e adolescentes pertencentes a famílias de baixa renda, com estruturas familiares em ruptura, todos alunos de escolas públicas de um bairro periférico da região noroeste da cidade de São Paulo, a Vila Brasilândia. A Educomunicação, um neologismo criado por Mario Kaplún, “vem tomando novos contornos e expandindo a sua área de abrangência semântica”, como relata Citelli, em um artigo que traça a trajetória da revista Comunicação & Educação nos últimos 20 anos e a trajetória para consolidar o campo da Educomunicação no Brasil.²

A pesquisa se ergueu no terreno que traz a discussão sobre “o uso do conceito *pedagogia dos meios* ... como uma proposta de prática, ou seja: metodológica” (OROFINO, 2005, p. 32) entrelaçamos muito da *teoria latino-americana das mediações*, de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, que trata das relações mediadoras dos sujeitos. Cabe, porém, destacar que o próprio Martín-Barbero, relata em sua última obra, que Paulo Freire, Patrono da Educação

² Em 2014, a revista Comunicação e Educação completou 20 anos. Criada por um grupo de professores do Departamento de Comunicação e Artes, da Escola de Comunicação e Artes da USP. A primeira editora da revista foi a Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Baccega, sucedida pela Prof^a. Dr^a Maria Cristina Costa e, atualmente, a co-editada pelos professores Dr. Adilson Citelli e Dr^a Roseli Figaro. O acervo integral pode ser acessado gratuitamente pelo endereço na internet: www.revistas.usp.br/comueduc/issue/archive.



brasileira³, o influenciou em sua tese de doutorado, em que expôs o conceito das *mediações*. “Hoje posso afirmar que a leitura dos textos de Freire – sobre os quais fiz um trabalho para o seminário “Semântica da ação”, junto com Paul Ricoeur em 1970 – constitui uma das bases da minha tese ...” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 20). A pedagogia de Paulo Freire está inserida na metodologia desta pesquisa tanto no que tange a *educação como prática de liberdade*, como as técnicas da *pedagogia do oprimido*. “Pois é só lutando contra sua própria inércia que a linguagem pode se constituir em palavra de um sujeito, isto é *fazer-se pergunta* que instaura o espaço da comunicação” (Idem, pag. 18). Na interface comunicação e educação e na aplicação das metodologias participativas observamos como a linguagem constitui-se na palavra dos educandos. Para cada sujeito uma linguagem, para cada linguagem a expressão de uma *visão de mundo*. Ao dar voz aos educandos buscamos não apenas auxiliar no desenvolvimento da linguagem, mas também no desenvolvimento da consciência cidadã. Pretendemos, à luz destas teorias e metodologias oferecer a “*educação-prática da liberdade*, inserida em um processo de transformação social” (grifo do autor) (pág. 39).

“Por isso Freire chamará de *palavra geradora* aquela que, ao mesmo tempo que ativa/desdobra a espessura de significações sedimentadas nela pela comunidade dos falantes, torna possível a geração de novos sentidos que possam reinventar o presente e construir o futuro” (Ibidem, pág. 18).

Martín-Barbero enfatiza que Freire cria a primeira teoria latino-americana de comunicação, que o levou a pensar a *comunicação a partir da cultura*. O que ele chama de “batalha cultural” que se dá sobre a opressão nas sociedades latino-americanas “sob a concepção gramsciana de hegemonia como processo vivido”, que na visão do pensador “feito não somente de forças, mas de sentidos”. “E o território em que se desenvolve a luta pela hegemonia é o terreno da sociedade civil, elemento fundamental onde vivem e se produzem as superestruturas ideológicas, morais, religiosas e dos costumes” (Gramsci, 2012, p. 22). Neste mesmo território em que ocorre a luta pela hegemonia estão os espaços ocupados pelos meios e as mediações.

³ Paulo Freire foi nomeado Patrono da Educação Brasileira por meio da Lei nº 12.612, assinada pela presidenta (como prefere ser chamada), Dilma Rousseff, e pelo ministro da Educação, Aloísio Mercadante, em 13 de abril de 2012.



As crianças e os adolescentes da contemporaneidade estão o tempo todo recebendo e mediando informações que partem dos agentes de socialização tradicionais (famílias e escola), mas também na rua e de vizinhos. Em uma cidade como São Paulo, que conta com altos índices de violência, as classes média e alta vivem enclausuradas em condomínios, clubes e shoppings centers, enquanto as classes populares, habitantes das regiões periféricas, e residentes em moradias precárias, de madeira ou bloco aparente, sem janelas e muitas vezes, sem banheiro, acabam por utilizar as vielas e as ruas como áreas de lazer.⁴ Em nossa pesquisa etnográfica constatamos que nestas vielas e ruas, os sujeitos desta pesquisa convivem com traficantes que trabalham nas biqueiras, nome dado aos pontos comerciais de venda de drogas, onde presenciam a comercialização, o consumo, as batidas policiais e, em alguns casos, a prisão de amigos, conhecidos, parentes e vizinhos. Três dos educandos adolescentes possuem celulares inteligentes, os smartphones, de modelos mais baratos e abastecidos com chip pré-pago, serviço de fornecimento de dados móveis de internet mais acessível no Brasil. Por meio destes aparelhos de celular, eles acessam a mídia social Facebook e, o aplicativo que possibilita a troca de mensagens de texto, imagens, vídeos e voz, WhatsApp, que muitos chamam de “zap-zap” ou “uatizapi”, por desconhecerem a grafia correta do nome do aplicativo.

Algumas entrevistas em profundidade realizadas com o nosso grupo de educandos evidenciaram que a televisão ainda é um meio presente no cotidiano destas crianças e adolescentes. Nesta perspectiva, a sala de aula e os espaço da Oficina de Educomunicação do Batuira “são locais de encontro de muitos sistemas simbólicos, de muitas culturas”, como constata Orofino.

No início, a linha de Educação para os Meios, tinha como sujeito de pesquisa apenas os receptores. O foco dos estudos era de denúncia, pois ainda sofria forte influência “dos estudos críticos de comunicação da década de 70, majoritariamente

⁴ No trabalho voluntário que realizamos há cinco anos na Vila Brasilândia, bairro periférico de São Paulo, nas visitas às casas das Famílias Assistidas, nome do programa social do Grupo Espírita Batuira – www.geb.org.br, verificamos as condições precárias das moradias de boa parte das famílias. Por tratar-se de um programa social com o objetivo de amparar famílias em situação de vida precária, que estejam carentes de amparo material, jurídico, social e emocional, uma parcela significativa, 10,8%, vive entre a linha da pobreza e a linha da extrema pobreza.



desenvolvidos dentro da perspectiva teórica da Escola de Frankfurt” (LOPES, 2011, p. 43). Lopes reforça a visão frankfurtiana de “rejeição a indústria cultural”, ideias marcantes na obra deixada por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Outra importante influência deixada pelo colega de Adorno e Horkheimer, Walter Benjamin foi a constatação do desenvolvimento de um *novo sensorium*⁵, que passaria a mudar toda a percepção do homem moderno. O historiador Eric Hobsbawm, na obra a Era das Revoluções, detalha as mudanças ocorridas na sociedade europeia com a chegada das máquinas e o início do processo de industrialização que se instalava no século XIX. Ocorreram transformações no cotidiano que marcaram a sociedade moderna até os dias atuais. Benjamin, em meio a todas estas mudanças, observa fluxos grandes de pessoas saindo do campo e indo para as cidades, a criação dos boulevares e a percepção do tempo mudando. Paris passa por grandes transformações realizadas pelo prefeito Hausmann⁶, a marcação do tempo por meio de relógios, da chegada e da partida dos trens nas estações, do “Homem na multidão”, de Edgar Allan Poe, a nova tecnologia da energia elétrica e tantas outras transformações acabam por constituir este novo *sensorium*. Transpondo este novo *sensorium* para o cenário atual, Martín-Barbero “indicaria, pelos meados dos anos 1990, como em decorrência da centralidade da comunicação na vida cotidiana, os jovens estavam apresentando um novo *sensorium*, com outras maneiras de ver, sentir, perceber, compreender” (CITELLI, 2014, p. 18).

Segundo Lopes, “investigar a recepção exige pensar tanto o espaço da produção como o tempo do consumo, ambos articulados pela cotidianidade (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos (gênero) da comunicação de massas. A abordagem teórico-metodológica da recepção apoia-se basicamente nas perspectivas das mediações” (LOPES, 2011, p. 47)”. Segundo Orózco, as relações com os receptores é necessariamente mediada.

⁵ Este conceito pode ser encontrado nas obras de Walter Benjamin, sobretudo nas leituras das *Passagens parisienses*.

⁶ George-Eugène Haussmann, o “arquiteto demolidor” reformou Paris entre 1852 e 1870. “Com Haussmann, Paris vive as mais belas horas da especulação; na modernidade, tudo é cálculo e interesse, e as avenidas abrem-se para a livre-especulação do capital” **Fonte bibliográfica inválida especificada.** Enfatiza, Olgária Mattos, uma das mais importantes pesquisadoras sobre Walter Benjamin no Brasil.



Esta mediação pode ser cognitiva, situacional, institucional, estrutural e videotecnológica.

A Oficina de Educomunicação e “linguagem como matéria-prima”

As relações de mediação farão parte das análises em diversos momentos, mas não vamos perder de vista o foco nas questões referentes a linguagem, estão sendo diretamente trabalhadas em nossa pesquisa participante e na Oficina de Educomunicação. Tomamos como premissa “a linguagem como matéria-prima para construção do pensamento e instrumento essencial do desenvolvimento intelectual”, que para Kaplún é adquirida na “comunicação, no constante intercâmbio entre as pessoas que torna possível exercitar o pensamento e, desse modo, apropriar-se dele”. (KAPLÚN, 2011, p. 182)

“É preciso não esquecer de que há um movimento dinâmico entre pensamento, linguagem e realidade do qual, se bem resumido, resulta uma crescente capacidade criadora de tal modo que, quanto mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos sujeitos críticos do processo de conhecer, de ensinar, de aprender, de ler, de escrever, de estudar”. (FREIRE, 2015, p. 26)

Esta pesquisa no campo da comunicação, educação e consumo, busca caminhos que auxiliem as crianças e os jovens da Oficina de Educomunicação a terem consciência crítica de que é preciso ser proprietário do seu “eu”, a pensarem sobre a própria realidade e a desenvolverem a capacidade criadora que transforma os sujeitos em protagonistas de sua história.

Pedagogia dos meios e do afeto

O professor é um educador. Enquanto educador poderá atingir vínculos prazerosos, efetivos e, talvez, duradouros com seus educandos se tiver a “coragem de querer bem”, segundo Paulo Freire. “É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem-cuidada de amar”. Em nosso trabalho em campo, mesmo antes de aplicar as metodologias desta pesquisa, que ainda podem passar por mudanças nos



próximos meses, ao visitarmos as casas do educandos por diversas vezes conversamos com seus responsáveis que podem ser pais, tios ou mesmo como o caso de uma senhora que obteve a guarda de três irmãos, após ficarem órfãos de pai e mãe vitimados pela Aids. Criamos vínculos afetivos com estas crianças e adolescentes. Mais do que vínculos afetivos, criamos uma relação de confiança, respeito e admiração entre educador e educando.

“É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não “blá-blá-blamente”, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas”. (FREIRE, 2015, p. 29)

Assim como as relações de consumo, a relação entre o educador e o educando é uma relação de troca. “As trocas respondem as necessidades culturais que não se restringem ao plano econômico; elas implicam honra, prestígio, poder e retribuição” (ROCHA & BARROS, 2008, p. 189). Dentre as relações sociais, o consumo como destacamos anteriormente, pauta a sociedade contemporânea, que também é chamada de sociedade de consumo. Todavia a nossa pesquisa propõe, no campo da comunicação, educação e consumo a pedagogia dos meios e do afeto como uma prática metodológica, constituída por um tecido de mediações e relações culturais que vão sendo desveladas pela troca de afeto. Este afeto atua como uma chave que abre portas e sela um contrato de confiança e de respeito mútuo entre o educador e sua turma. Esta relação de troca que ocorre dentro e fora da sala de aula ou da Oficina de Educomunicação nos mostrou ser a que melhor atende a carência dos educandos por atenção, carinho, uma escuta acurada e um ensinamento que faça sentido dentro da sua realidade. “A troca não está subsumida na razão econômica, ela remete a um universo mais amplo que implica sentimentos, afetos, rituais, espaços simbólicos, posições de poder, prestígio, entre outros tantos modos de relação social”. (Idem, pag. 190)

Vamos analisar também entre os sujeitos desta pesquisa sua “estrutura de



sentimento”, o que Raymond Williams determinou metodologicamente como uma “hipótese cultural”. Para o pensador inglês do campo dos Estudos Culturais, o termo “sentimento” foi escolhido “para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de *visão de mundo* ou *ideologia*” (grifo do autor) (WILLIAMS, 1979, p. 134). Tratamos agora não da relação afetiva entre o educador e o educando, mas das “estruturas de sentimento” dos educandos enquanto “visão de mundo”. Até que ponto os sujeitos da pesquisa percebem-se como objetos ou até que ponto eles entendem-se como sujeitos reflexivos capazes de serem atores de sua própria história.

Consumo como expressão cultural

“O fenômeno do consumo define um sistema de representações e de práticas fundamental na cultura contemporânea. Estudar seus significados é, portanto, abrir uma importante discussão sobre o imaginário que nos cerca, sobre a comunicação e sobre as relações sociais” (ROCHA & BARROS, 2008, p. 186).

Por tratar-se de um campo multi-interdisciplinar, a comunicação também utiliza o conhecimento e a interpretação do campo da Antropologia do Consumo a fim de explicar parte dos fenômenos que cercam a sociedade contemporânea. Cabe na análise sobre o *consumo como expressão cultural* (grifo do autor), trazermos a abordagem que Mary Douglas e Baron Isherwood traduzem para o “uso dos bens”. Para a antropóloga e o economista, “os bens estabelecem e mantêm relações sociais”. Ambos reconhecem que o “viés cultural está enraizado num certo tipo de experiência social”. Para os autores, “o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos” (DOUGLAS, 2013, pp. 99-103-110).

Em nossa pesquisa, as relações de consumo dos sujeitos que vivem nas bordas da metrópole, em situação de empobrecimento possuem um caráter simbólico. Muitas vezes a carência dos bens é verbalizada na fala dos educandos ou nos textos de suas redações produzidas em sala. No imaginário de um adolescente de 14 anos, órfão de pai e mãe, com alta capacidade cognitiva, excelente articulação discursiva, que foi abraçado pelo tráfico após deixar a escola e largar os estudos, as instituições de ensino



particulares cobram mensalidades caras, oferecem computadores e tablets para todos os alunos, as salas de aula são grandes, com todas as carteiras escolares novas, os professores estão sempre bem-humorados e não há problema algum a ser resolvido. O garoto, que se ausenta muito dos trabalhos da Oficina de Educomunicação, é irmão de mais duas alunas. Ao completar 14 anos, em 21 de maio de 2015, pediu à educadora, como presente de aniversário, um boné da marca Quiksilver, uma grife de roupas de surfe muito utilizada por jovens de classe média e alta. O boné custa R\$ 270,00. Como grande parte dos adolescentes, o jovem deseja o bem, que o transportará para os mesmo usos e costumes dos jovens de outra classe social, a qual ele gostaria de pertencer.

“Podemos descrever a sociedade contemporânea como materialista, como uma cultura pecuniária baseada no dinheiro, preocupada em *ter* em detrimento do *ser*, como uma sociedade transformada em mercadoria, hedonista, narcisista ou, mais, positivamente, como uma sociedade de escolhas e da soberania do consumidor [...] A disseminação dos valores de mercado para a sociedade em geral ocorre primeiramente porque o próprio consumo se torna um foco crucial da vida social (no sentido de recriarmos um número cada vez maior de áreas da vida social por meio do uso de mercadorias, e no sentido de que outros focos, como o trabalho, a religião ou a política tornam-se menos importantes ou menos significativos)”. (SLATER, 2002, pp. 32-33)

Da mesma forma, a educação possui menos significado para os adolescentes do século XXI. O objetivo de pertencer, de acessar bens inacessíveis para a sua realidade é mais forte que o significado que o aprender, o conhecer lhes parece ter. A Educomunicação pretende ressignificar o processo ensino-aprendizagem na era do novo *sensorium*.

Melhorar a condição de vida nas margens: um enorme desafio

Nos dados computados até 2010, que constam do Atlas do Desenvolvimento Humano⁷ nota-se a melhora nos números do Índice de Desenvolvimento Humano

⁷ O Atlas do Desenvolvimento Humano está disponível na internet, no sítio www.atlasbrasil.org.br. O Atlas traz, além do IDHM, mais de 200 indicadores de demografia, educação, renda, trabalho, habitação e vulnerabilidade, com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.” O



(IDH) apresentados na cidade de São Paulo e na Vila Teresinha, localidade da Vila Brasilândia, onde residem os sujeitos desta pesquisa, ainda assim, existem muitos moradores em condições de pobreza e pobreza extrema, como classifica o Atlas. Cabe destacar uma melhora significativa em todos os números, inclusive nos que dizem respeito ao percentual dos que vivem em extrema pobreza, que caiu de 3,95% para 2,38% e, o que mede o percentual dos que vivem na faixa da pobreza, caindo de 17,59% para 8,42% do total da população da Vila Teresinha, de 2000 para 2010. Pelo índice Gini, a desigualdade não variou, permanecendo em 0,40, ressaltando que 0 é o número máximo da igualdade e 1, da desigualdade.

“mesmo quando se chega a um ponto extremo, em algum grau zero de existência humana em que surge a *necessidade básica*, essa com certeza não é a base para definir a necessidade humana, pois o que observamos nessas circunstâncias catastróficas não é a *verdade* da necessidade, e sim os extremos do fracasso social” (SLATER, 2002, p. 133).

Mesmo após a queda no percentual detectado no Atlas com os números de 2010, somente na Vila Teresinha, 964 pessoas ainda vivem em condições de extrema pobreza e 3.411 de pobreza. Constatamos também que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), da cidade de São Paulo em 1991, era de 0,626, e em 2000 de 0,733, enquanto que o da Vila Teresinha, em 2010 era de 0,692. Podemos afirmar que esta região da cidade de São Paulo está defasada praticamente 17 anos em relação ao restante da metrópole. Tal desigualdade social é evidenciada também nos relatos dos educandos durante as aulas.

Metodologia aplicada na Oficina de Educomunicação do Batuira

Ao longo dos últimos 18 meses, o trabalho de educação foi se transformando. Ao invés de aulas de reforço escolar, que atendiam a demanda pontual de cada aluno, em outubro de 2014 passamos a seguir os procedimentos metodológicos da pesquisa participante em uma Oficina de Educomunicação, que foi nomeada de Oficina de Educomunicação do Batuira após o diálogo com os alunos e a



votação das nomes sugeridos por eles em sala. No primeiro encontro na Oficina de Educomunicação do Batuíra, além da definição do nome, dialogamos sobre os hábitos culturais dos educandos, mais especificamente buscávamos compreender qual era o consumo cultural da turma. Dos 14 educandos presentes, 100% possui aparelho de televisão em casa. As emissoras que dominam a audiência desta turma são o SBT e a TV Record, ambas oferecem na grade de programação conteúdo com apelo popular e telejornais policiais. Apenas duas alunas disseram ouvir rádio. Elas relataram escutar músicas, tais como: pagode, “música da igreja”⁸, sertanejo e rock.

Dentre os adolescentes predominam as novelas *Malhação*, *Boogie Oogie* (transmitida às 18h30), *Geração Brasil* (com início às 19h30), todas as três da Rede Globo de Televisão, mas a grande maioria pertence a audiência do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Foram citadas pelos alunos as novelas *Rebeldes*, *Chiquititas*, *Meu Pecado*, *Esmeralda e Feia Mais Bela*. A única novela da TV Record mencionada foi *Vitória*. Por sua vez, as crianças, até 10 anos, relataram gostar da programação infantil e descreveram o desenho animado *Pica-Pau*, *Barbie*, também a série *Chiquititas*, a programação do *Quintal da Cultura* e o programa do *Chaves*. Como esta turma não tem acesso aos canais infantis oferecidos pelas operadoras de TV à cabo, como *Discovery Kids*, *Disney Jr.*, *Boomerang*, *Nickelodeon* e demais programações de acesso restrito e pago, as únicas opções que restam estão disponíveis na programação aberta da televisão. “A cultura evolui e as pessoas desempenham um papel na mudança. O consumo é a própria arena em que a cultura é objeto de lutas que lhe conferem forma” (DOUGLAS, 2013, p. 100 e 101). E é nesta arena que estão determinadas relevantes informações com as quais os alunos trabalham seus conceitos e seu universo vocabular.

O que a pesquisa nos mostra até o momento

Como técnica utilizamos a mídia impressa. Desta forma, levamos para os

⁸ Boa parte das pessoas que participam do programa Família Assistida, frequentam igrejas neopentecostais.



alunos em 21 de março de 2015 quatro opções: produziríamos um livro, um jornal, uma revista ou um blog. A primeira pergunta feita pelos educandos foi “o que é blog”? Após explicarmos, percebemos que eles demonstraram muito interesse por este veículo na internet, mas por não terem computador e acesso fácil à internet, à produção e o acompanhamento dos educandos ao longo do processo ficaria prejudicado. Passamos então para as outras três opções e fizemos uma votação. Neste dia, estavam presentes onze alunos, sendo que o livro venceu com mais de 50% dos votos do jornal, segundo colocado. Ao final da votação, surge outra pergunta: “como é um jornal”? Foi então que nos demos conta que eles poderiam não conhecer este veículo de comunicação e perguntamos. A resposta foi de que não conheciam a mídia revista e a mídia jornal.

Na aula seguinte levamos um exemplar do jornal o Estado de São Paulo e uma edição da revista Saúde para que tivessem contato com estas mídias. O resultado da eleição se confirmou mais uma vez, o livro venceu com a mesma diferença do segundo colocado, o jornal.

“Que entender por alfabetização *aqui*, em países cuja “escola incompleta e atrasada convive com a intensa interconexão do mundo audiovisual de massa” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 51, apud. Brunner 1989, pag. 62) e cujas maiorias, mesmo tendo aprendido a ler, não têm acesso social nem cultural à escrita? [...] O livro continuará sendo peça-chave na medida em que a *primeira alfabetização*, a que abre o mundo da escritura fonética, em lugar de fechar-se sobre a cultura letrada, lance as bases para a segunda alfabetização, aquela que nos abre as múltiplas escrituras que hoje coconformam o mundo do audiovisual e do texto eletrônico”. (grifos do autor)

Enxergamos na escolha dos educandos a possibilidade de construir em conjunto um produto onde podemos criar, recriar, editar, ilustrar e pintar, aproveitando as habilidades de todos. Passamos então para a discussão que ajudaria a emergir a “palavra geradora”, neste caso, os “temas geradores”, uma vez que a maioria dos educandos já passou pela “*primeira alfabetização*”. Nesta aula, que ocorreu no dia 4 de abril de 2015, estavam presentes dez educandos. Isabel, única



adulta da turma⁹, com 37 anos, disse que “queria enviar uma carta pro presidente pra ele acabar com o funk, o Pancadão. Morreu um menino lá da minha sala, de 15 anos. E também vou pedir pra polícia respeitar as crianças na rua”. Maria Isabel voltou a estudar e está cursando o Escola de Jovens e Adultos (EJA), no período da noite. Aqui ela traz a temática da violência que está presente nas festas de rua, conhecidas como “Pancadão”. Este mesmo incômodo havia sido relatado por outra educanda, que mora em uma viela que desemboca na “rua do funk”. Uma adolescente de 16 anos trouxe o tema da baixa qualidade dos serviços de saúde pública e da ausência de médicos nos hospitais da região. Sua colega da mesma idade relatou o desejo que tivesse menos “drogados na escola”. Os educandos mais jovens, principalmente as crianças, trouxeram questões relativas a qualidade das escolas onde cursam o Fundamental I. Elas relataram desde problemas de infraestrutura, como vazamentos de água, escadas escorregadias, carteiras quebradas, falta de papel higiênico, até ausência de “livros bonitos como estes que vocês traz pra gente”, em uma referência a um livro paradidático colorido, cheio de dobraduras que utilizamos na Oficina para entreter as crianças antes das aulas começarem. Um dos adolescentes presentes nesta aula mostrou o desejo “que todas as pessoas que estivessem em dificuldade melhorassem. Queria que acabasse com o crack na rua”. Uma das meninas pediu para incluir mais um tema ao final da aula. “Queria que a ciclovia fosse no canto da rua, não no meio da avenida e o menino não fosse atropelado. Queria também que as calçadas não tivessem desse jeito e que não tivesse tanto lixo na rua”!

Detectamos após este *diálogo* na Oficina que os *temas geradores* giravam em torno de algumas questões de destaque: qualidade das escolas, violência, melhora no serviço de saúde pública e questões urbanas do bairro.

A partir destes temas, na aula seguinte, passamos a trabalhar com cada um dos educandos a produção textual das temáticas trazidas por cada um deles, de acordo com o grau de alfabetização de cada um. As crianças pequenas fizeram desenhos das

⁹ Maria Isabel está no Bатуíra em um processo de ressocialização. Mãe de quatro filhos, Maria Isabel era dependente química, usuária de crack. Perdeu a guarda dos filhos e morou na rua. Após passar por tratamento médico, a assistência social a encaminhou ao Bатуíra em um processo de ressocialização, com o qual ela deve retornar aos estudos, iniciar um trabalho e mostra-se apta para voltar a ter a guarda dos filhos, que hoje residem em dois abrigos.



escolas e escreveram palavras soltas, tais como: escola, professora, livro, escada e escorregar. Com elas utilizamos cadernos de caligrafia para ajudá-las na confecção das letras. Os adolescentes redigiram textos mais elaborados. Alguns conseguem escrever poucas linhas, outros uma redação bem articulada. Todos apresentam muitos erros de ortografia, que corrigimos sem recriminá-los por isso.

No dia 6 de junho nos deparamos com o inesperado. Apenas três educandas compareceram. Era sábado de feriado de Corpus Christi. Cada uma trouxe problemas pessoais para nosso diálogo. Maria Isabel contou que estava triste porque não tinha a guarda dos filhos, uma adolescente não queria conversar, mas verbalizou pouco contando que as irmãs estavam com a mãe, “aquela monstra”! Por fim, uma criança, a irmã caçula dos três irmãos órfãos estava muito ansiosa. Ao perguntarmos o que estava acontecendo, ela relatou estar brava com o irmão, adolescente “porque ele foi preso”. Seu irmão, também educando que frequenta o Batuira é um caso que muito nos preocupa. Ele foi o garoto que pediu o boné de presente de aniversário, como relatamos anteriormente. Foi preso por ser pego em flagrante assaltando uma farmácia de arma em punho. Este adolescente de 14 anos parou de estudar e vivia fugindo de casa por ter sérios problemas de relacionamento com a sua tutora, que ficou com a guarda dos três irmãos após a mãe falecer.

Nos próximos meses pretendemos avançar na produção do livro em conjunto com os educandos. Mesmo que este trabalho ainda esteja em execução e ofereça uma prévia de resultados circunscritos à uma comunidade específica espera-se que esta prévia ofereça alguns subsídios para que possamos pensar questões urgentes sobre as diferentes experiências nas sociedades contemporâneas e sobre a situação do oprimido.

Referências bibliográficas

- BACCEGA, M. A.. **Construindo a cidadania nas interações comunicação, educação e consumo**. Conexiones, 2, 29-40, 2010
- BUCKINGHAM, D.. **Precisamos relamente de educação para os meios?** Comunicação & Educação, nº 2, 60, jul/dez de 2012
- CITELLI, A.. **Comunicação & Educação: 20 anos. Uma trajetória para consolidar o campo da Educomunicação no Brasil**. *Comunicação & Educação*, jan/jun de 2014



- DOUGLAS, M. e.. **O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo** (2a edição ed., Vol. 1). (P. Dentzien, Trad.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013
- FREIRE, P.. **Professora, Sim; Tia, Não: cartas a quem ousa ensinar** (25ª edição ed.). São Paulo: Paz e Terra, 2015
- Gramsci, A.. **Gramsci. A Cultura e os Subalternos**. (R. C. Neves, Trad.) Lisboa: Edições Colibri, 2012
- KAPLÚN, M.. **Processos educativos e canais de comunicação**. In: A. O. CITELLI, & C. C. COSTA, *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento* (2ª edição ed., p. 253). São Paulo, São Paulo, Brasil: Paulinas, 2011
- LOPES, M. I.. **Pesquisa de recepção e Educação para os Meios**. In: A. O. CITELLI, & M. C. COSTA, *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento* (p. 253). São Paulo: Paulinas, 2011
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios as mediações: comunicação cultural e hegemonia** (7a edição ed.). (R. P. Alcides, Trad.) Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil : Editora UFRJ, 2013
- MARTÍN-BARBERO, J. **A Comunicação na Educação** (1ª edição ed.). (M. I. Lopes, Trad.) São Paulo, São Paulo, Brasil: Contexto, 2014.
- OROFINO, M. I. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade** (1ª edição ed., Vol. Guia da Escola Cidadã; v. 12). São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.
- ROCHA, E., & BARROS, C.. **Entre mundos distintos: notas sobre comunicação e consumo em um grupo social**. In: M. A. BACCEGA, *Comunicação e Culturas do Consumo* (1ª edição, 2ª reimpressão ed., p. 229). São Paulo: Atlas, 2008
- SCHOLZ, C.. **Assistência Social**. In: B. LAMOUNIER, & R. FIGUEIREDO, **FHC: A era FHC, um balanço** (p. 692). São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002
- SLATER, D.. **Cultura do Consumo & Modernidade**. (D. d. Azevedo, Trad.) São Paulo: Nobel, 2002
- SOARES, I. d. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a plicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- WILLIAMS, R.. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979